

O RISO E SUA RELAÇÃO DE PODER COM A LINGUAGEM

Iago Gabriel de Oliveira Vieira

Murilo da Silva Neto

Resumo: O presente artigo trata sobre o riso crítico e as relações de poder que são expostas por meio dele, sendo esse um instrumento que tem tendência a conservar as atitudes e costumes de determinado grupo social. Para compreender o riso foi discutido como ele se constrói, a forma em que ele se baseia no estranhamento e seus efeitos corretivos em sua expressão. Para considerar esse movimento do riso foi escolhida a variação linguística para demonstrar a interação entre grupos e como o riso contribui no processo de influência da maioria política daqueles que possuem mais prestígio. O objetivo é relacionar como o riso é utilizado para controlar comportamentos sociais, em especial as atitudes referentes ao uso da linguagem/oralidade, que foge dos padrões socialmente construídos, apresentando as relações sociais que o cercam. Este trabalho foi realizado com base numa revisão bibliográfica acerca de trabalho publicados por autores da sociologia, das artes cênicas, da linguística, para compreender as relações de poder na construção do cômico.

Palavras-chave: Cômico. Linguagem. Oralidade. Riso Crítico. Variação Linguística.

INTRODUÇÃO

É comum na interação entre indivíduos de regiões diferentes haver uma diferenciação entre os falares no plano fonético, no léxico ou na atribuição de significado das palavras. O riso, frequentemente, aparece como um elemento da interação entre variantes diferentes, sendo que, eventualmente, uma delas vai exercer um poder de influência maior

devido às condições propícias de certo contexto. Essa influência tem graus proporcionais à diferença de prestígio entre a variante de cada sujeito. Neste trabalho, será discutida a articulação dessas influências por meio do cômico nos casos em que ele, o riso, sobretudo o riso crítico, atua como um objeto de poder inconsciente sendo tratado como um elemento da disputa entre as variantes e que busca exercer certo controle¹ sobre as variantes consideradas de menos prestígio no cenário nacional. Além disso, objetiva-se, nesse texto, relacionar as relações sociais do riso, utilizando a variação linguística das práticas orais, como tentativa de marcação de poder entre os indivíduos. O riso representa um poder pré-existente a ele. A compreensão do mesmo auxilia no entendimento do movimento social realizado em torno dele. Estudá-lo irá auxiliar na percepção das relações de poder de um grupo que influencia os demais, porque o cômico aponta para diferenças sociais em sua expressão.

Essa pesquisa desenvolveu-se a partir do contexto em que se situa o cômico para problematizar o riso como um dispositivo utilizado pela ordem para que ela se conserve. Para essa problematização foi realizado um trabalho de revisão bibliográfica com teóricos que discutem o riso em seu meio social, utilizando a construção do que é o cômico. O riso, sobremaneira o riso crítico, será apontado como um

¹ O controle, aqui será entendido, como o movimento realizado para tentar conservar e regular um padrão de comportamento que em relação pautado numa moral e convencionado como o certo. Quando alguma atitude foge a essa lógica mecanismos como o riso agem para manter a ordem já estabelecida.

instrumento que possui poder para coagir. Para Carvalho (2009, p.44) “[...] o riso retrata a hipocrisia da vida social, as fraquezas humanas ou mesmo mazelas cometidas pelos homens quando representam as instituições sociais”. As fontes da comicidade estão relacionadas com o comportamento humano e são geradas por uma transgressão social que desperta o pensamento de criticidade baseadas numa lógica construída das atitudes humanas histórico-sociais. A partir dessa construção o cômico identifica e explicita as falhas humanas.

Bergson (2004), diz que o riso é um gesto social que pertence a um grupo. Esse gesto se deriva de um processo de observação das falhas humanas e em seguida uma explicitação do ridículo diante da perspectiva do sujeito que representa a visão de determinado grupo social. Bergson (2004, p. 6) afirma, ainda, que “a indiferença é o seu ambiente natural”, pois é necessário que haja um distanciamento entre os indivíduos para que o cômico se manifeste.

Na indiferença existe a percepção de atitudes pertencentes a um grupo exterior ao grupo social que aquele sujeito desempenha. Essa indiferença gera uma percepção de contrário e em alguns casos podem gerar o cômico, isto é, quando esse contrário gera um senso de ridículo. Então o riso crítico é expresso como uma manifestação do cômico.

Vale salientar, nesse sentido, que o riso vai se despon-tar em duas direções: i) do cômico, quando manifestado por “grupos de poder” que consideram as suas práticas orais de mais prestígios, em relação aos demais grupos sociais; ii) do ridículo, quando percebido pelos grupos que se sentem opri-

midos pelos “grupos de poder”, por considerarem suas práticas orais menos prestigiadas que a desses grupos.

Essa percepção do ridículo ou de uma falha comportamental é comum em diversos segmentos da sociedade. Por exemplo, nos espaços formais de educação que são compostos por uma heterogeneidade de sujeitos que se familiarizam devido à vivência cotidiana, quando um novo sujeito se insere nesse espaço, caso ele possua comportamentos ou usos da linguagem/oralidade que a maioria estranhe e manifeste esse estranhamento por meio do riso, este sujeito irá passar por todo o processo de estar na condição de risível e pode estar na condição de monitoramento comportamental devido às diferenças de sua variante linguística, como bem retrata Fidêncio Bogo em seu conto “Nóis mudemo”².

Quando o sujeito se encontra na condição de monitorar-se demonstra que a heterogeneidade não é considerada, pois ela é enquadrada como uma falha. Essa situação pode inibir esse indivíduo na participação na sala de aula, em realizar perguntas, demonstrar suas opiniões e em outros momentos que a oralidade é necessária. Portanto é necessário que haja uma reflexão das situações em que o riso se apresenta nesse espaço educativo para evitar situações de exclusão mediante o poder que a linguagem possui e essa situação pode servir como exemplificação para que os sujeitos discu-

² Neste texto, Fidêncio Bogo retrata a chegada de um aluno da zona rural em uma escola urbana e que é estigmatizado pela professora e seus colegas de sala. Essa estigmatização causou muitos transtornos na vida desse indivíduo.

tam sua relação com a linguagem e compreendam como o riso atua.

O riso como controle

São atribuídas diversas funções ao riso que variam em relação ao contexto. Uma delas é a de crítica, uma vez que o riso é provocado pelo estranhamento e atua como um dispositivo de coerção. Carvalho (2009, p. 40) afirma: “o cômico é provocado pela observação das falhas humanas em uma perspectiva corretiva, diante dos olhos do observador”. Para haver o riso é necessário que o indivíduo não se comova com a situação, ele é causado pelo estranhamento, ou seja, o sujeito percebe algo no outro que não se identifica porque “[...] a comicidade exprime acima de tudo certa inadaptação particular da pessoa à sociedade” (BERGSON, 2004, p. 99-100). Sendo assim, o riso é provocado por uma situação inesperada diante do conhecimento de mundo do sujeito que o utiliza de forma, por vezes, involuntária para *constranger* e manter a sua ordem.

Assim como Carvalho relata ao continuar seu pensamento:

No cômico não se pode levar em conta o estado da alma de quem estamos rindo. A estratégia utilizada para apagar aquilo nos solidariza com o outro, em uma circunstância *constrangedora*, é o não envolvimento afetivo. Nesse sentido, podemos evidenciar um conjunto de mecanismos que isolam a sensibilidade e exaltam a criticidade, assumindo uma perspectiva corretiva (CARVALHO, 2009, p. 42).

Logo para o riso existir é necessário que não haja um envolvimento emocional de comoção do sujeito diante do estranhamento. Essa ausência de envolvimento é que produz o risível, segundo Bergson “[...] o riso é incompatível com a emoção. Descreva-se um defeito que seja o mais leve possível: se me for apresentado de tal maneira que desperte minha simpatia, ou meu medo, ou minha piedade, pronto, já não consigo rir dele” (2004, p. 104). Portanto quando não existe a sensibilidade o sujeito assume uma perspectiva de indiferença podendo, assim, constranger.

Dessa forma o riso se torna um agente de conservação da ordem a partir do momento em que ele aciona o constrangimento no outro fazendo com que o mesmo se polície no âmbito social. Por esse motivo ele tentará evitar tal comportamento por receio de um possível constrangimento, uma vez que o riso se torna um dispositivo que preserva a ordem de determinado meio social garantindo que a influência externa representada por uma minoria sofra um retardamento quanto à modificação da ordem que a maioria tem de costume, por sua realidade.

O contato com uma realidade diferente da que o sujeito tem de hábito fará com que o mesmo se exponha e sua identidade seja contrastada com a da maioria. Essa situação cria um processo de adequação do indivíduo à variante dominante e ao mesmo tempo uma adequação de identidade. Como Pinker (2002, p. 8-9) afirma “as diferentes línguas levam seus falantes a construir a realidade de diferentes maneiras”. Então percebe-se que o poder da variação linguística

vai além da fala e alcança o campo de identidade e compreensão da realidade.

A variação linguística é fruto de um processo de adaptação do sujeito para transmitir informações (PINKER, 2002). Logo o fato de ocorrer uma comunicação não depende apenas da língua culta, mas de que os sujeitos tenham conhecimento da forma de falar pela qual será veiculada a mensagem. Sob a mesma perspectiva Travaglia afirma:

[...] Todas as variantes são igualmente eficazes em termos comunicacionais nas situações em que são de uso esperado e apropriado. O que há na verdade são modalidades de prestígio e modalidades desprestigiadas em função do grupo social que as utiliza (2009, p. 63).

A língua falada recebeu qualificações devido a todo o contexto que ela está inserida, às quais são enquadradas em graus de aceitação. Dessa forma quanto mais diferenças a variante de um sujeito possui em relação à outra, maior será o estranhamento dificultando a aceitação da mesma e possivelmente será seguido de uma “correção”, como o riso, daquele que possui um maior privilégio concedido socialmente à sua fala. Deve-se compreender que cada espaço diferente permite uma forma de transmitir a mensagem. Entretanto quando existe uma interação entre pessoas que possuem uma variante linguística diferente haverá a percepção e o estranhamento mútuo. Aquele que possuir a variante mais privilegiada em relação à outra terá formas de se conservar e uma delas é o uso do riso.

Carvalho (2009, p. 36) para demonstrar a relação do riso com a dominação exercida pela maioria política relata que “as piadas, quando contadas, têm como alvo de crítica um

determinado segmento social. Aqueles de menor poder aquisitivo atacam as instâncias de poder, ridicularizando e apresentando os pontos fracos de seu opositor”. É utilizado por muitos a expressão “foi só uma piada”, para se livrar da carga discriminatória da mesma, entretanto o cômico e a sátira se correlacionam estabelecendo uma consideração de superioridade que oprime.

O motivo que qualifica o outro como inferior se dá pela ruptura de expectativas acompanhada pela percepção do contrário, causadora do riso, que atua como um corretivo dos atos que fogem a lógica ditada pela maioria imprimindo no outro um constrangimento, induzindo-o a se monitorar nesse espaço para não ser alvo de críticas novamente. Dessa forma o riso aparece como um marcador das diferenças de maneira involuntária aplicado por um grupo que conserva sua ordem fazendo com que os outros se adequem à mesma.

O riso regula e conserva determinada variante linguística, assim como Carvalho (2009, p. 44) constata: “o riso se configura como uma expressão de identidade na medida em que há um processo de identificação de um ponto de vista crítico e a exposição de algo a ser considerado risível perante a um segmento da sociedade”. Por exemplo, quando um sujeito de uma região migra para outra à qual possui diferenças marcantes de pronúncia e léxico ele assume a representação de sua cultura a qual é estranha para os indivíduos daquela região que irão perceber nitidamente a diferença de termos e entonação quando uma comunicação for estabelecida. Analisando a situação Bergson (2004) afirma que o riso é pertencente a um grupo social que possui um conjunto de ações definidas e postas como engraçadas para a sociedade.

Então o riso aparece como um acessório que destaca a diferença causando o constrangimento no indivíduo, que é minoria naquele meio, criando uma resistência da maioria induzindo-o a monitorar sua linguagem para que não seja alvo de risos novamente adquirindo, dessa forma, características da maioria enquanto a mesma sofre poucas influências.

Existe uma ordem que regula e indica que variante linguística deve ser utilizada em determinado meio. Gnerre (1991) relata que existem regras que o ser humano deve estar ciente sobre o que se deve falar, o conteúdo e qual variante linguística deve ser utilizada. As transgressões dessas regras possuem punições, um exemplo dessas punições é o constrangimento causado pelo riso.

Essa relação de estranhamento e aversão ao diferente é algo inerente a forma como a sociedade foi construída. Essa compreensão pelo viés do preconceito linguístico é abordada por Bagno da seguinte forma

Por mais que isso nos entristeça ou irrite, é preciso reconhecer que o preconceito linguístico está aí, firme e forte. Não podemos ter a ilusão de querer acabar com ele de uma hora para outra, porque isso só será possível quando houver uma transformação radical do tipo de sociedade em que estamos inseridos, que é uma sociedade que, para existir, precisa da discriminação de tudo o que é diferente, da exclusão da maioria em benefício de uma pequena minoria, da existência de mecanismos de controle, dominação e marginalização (1991, p. 138-139).

As relações de dominação entre uma variante e outra acontecem devido ao privilégio social que cada uma recebe. A diversidade linguística existente por si só gera atitudes preconceituosas que prestigiam algumas variantes e estig-

matizam outras. Essa situação é inerente à forma como a sociedade foi construída que utiliza de meios para expressar esse preconceito. O riso pode ser usado como uma forma dessa expressão, pois ele revela uma relação existente de diferenças de contexto social entre os sujeitos. De acordo com Carvalho

O riso tem a função de criticar comportamentos no interior de uma coletividade, ao mesmo tempo produz um sentimento de unidade por identificação a uma determinada visão de mundo. Sendo assim, o riso é iminentemente social, por isso não pode ser analisado distante do contexto histórico-cultural dos sujeitos que cultivam tais práticas (2009, p. 35-36).

Esse riso crítico varia em relação ao contexto histórico-cultural e se dá pela existência de convenções que estabelecem formas de falar mais privilegiadas que outras criando a concepção de que existe um português eleito como certo e por consequência todas as outras formas estão erradas. Entende-se essa concepção como equivocada uma vez que a uma das funções da linguagem é articular uma comunicação. Desde que a mensagem seja transmitida o método utilizado é legítimo. Essa situação ocorre porque

Em geral, a variante considerada padrão é ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade (TARALLO, 2007, p. 12).

Ainda discutindo a aceitação de uma língua a Leite diz que:

[...] a comunidade como um todo pressiona o falante e o faz assumir o padrão aceito pela linguagem adulta e assegura intuitivamente sua identidade. Parece-nos

que podem ser incluídas aqui atitudes de pressão contra grupos da sociedade que de alguma forma querem criar padrões desviantes no uso da língua, ameaçando o que a sociedade preserva como um fator de coesão [...] (2005, p. 62).

E quando há uma quebra dessa coesão o riso pode aparecer como um dispositivo de comunicação opressivo. Como afirma Carvalho (2009) é identificado aquilo que é cômico banalizando gestos sociais que quebram a lógica sequencial de comportamento esperado e que se pauta numa conduta concebida como ideal, seguindo com o pensamento o autor afirma: “O humor e o cômico revelam um movimento de transgressão e ruptura com as convenções coercitivas” (2009, p. 43).

O riso é, antes de tudo, um castigo. Feito para humilhar, deve causar à vítima dele uma impressão penosa. A sociedade vingá-se através do riso das liberdades que se tomaram com ela. Ele não atingiria o seu objetivo se carregasse a marca da solidariedade e da bondade” (BERSGON, 2009, p. 92).

Para que o riso crítico ocorra se faz necessário que não haja uma comoção naquele momento por parte do sujeito. Pois ele assume uma perspectiva corretiva que pune através do constrangimento aquele que se faz ser passível de riso por apresentar uma atitude ridícula em relação ao grupo do sujeito que ri. Bersgon (2009, p. 93) afirma que o riso “[...] tem por função intimidar humilhando”. Ele demonstra ao sujeito que aquele comportamento é considerado como ridículo pelo outro que ri.

Essa atuação do o riso se inicia numa reação ao inesperado, quando manifesto, ele cria uma zona de controle sobre aqueles que se constroem por estarem diante de uma

“maioria” que entendem a fala do outro como desviante do correto e não apenas como uma variação que também possui uma competência comunicativa. A pressão da maioria é o motivo pelo qual existe esta regulação da ordem, causada pelo cômico, para dificultar sua deturpação.

Considerações finais

O riso é fruto do estranhamento entre um sujeito e uma variação na utilização da linguagem falada. Ele atua como um corretor, pois ele é uma expressão do cômico que por sua vez é causado por um senso de ridículo sobre uma observação acerca de determinada falha humana na perspectiva do conhecimento de mundo daquele sujeito que classifica “involuntariamente” o outro como inferior.

Esse riso exerce uma função de manutenção social inconsciente, pois o observador não percebe o processo que seu riso causa, entretanto o ato de rir denota um estranhamento assumindo uma forma de reprovação como tentativa de ocasionar a adequação para a variante mais prestigiada no momento, porque o cômico castiga as demais variantes menos prestigiadas por meio do constrangimento, fazendo com que o indivíduo que foi alvo do riso identifique sua atitude como estranha para aquele grupo.

Dessa forma ele, o indivíduo risível, passa a monitorar seus atos para não sofrer a mesma humilhação novamente. Vale ressaltar que nem todo riso cumpre esse papel, apenas quando ele tem um sentido crítico gerador de repreensão para com o estranho. Sendo assim o riso corretivo será um

auxiliar da conservação da variante linguística daqueles que possuem um maior poder de influência com o intuito de sobrepor sua cultura em relação a outras. Essas relações devem ser discutidas e compreendidas para evitar a inibição ou exclusão de sujeitos e para que estes estejam aptos a compreender essas relações que irão se deparar em vários momentos de sua vida. Diante da compreensão desse movimento que o riso percorre desde a percepção de contrário ao constrangimento é possível compreender as relações de poder existentes que regem determinada situação.

Referências

BAGNO, M. *Preconceito Linguística: o que é, como se faz*. 49 ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BERGSON, H. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CARVALHO, J.R. Riso e as relações de Poder nos textos de humor. Vol. 5 (N/I): *Revista Fórum identidades*. 2009.

GNERRE, M. *Linguagem, escrita e poder*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LEITE, M. Q. Variação Linguística: dialetos, registros e norma linguística. In: SILVA, L. A. da. *A língua que falamos. Português: história, variação e discurso*. São Paulo: Globo, 2005.

PINKER, S. O. *Instinto da Linguagem: Como a mente cria a linguagem*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Editora Ática, 2007.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e Interação: Uma proposta para o ensino de gramática*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

[Recebido: 31 out. 2017 — Aceito: 4 dez. 2018]